



HIPOCRISIAS PROPOSITAIS COMO COMPONENTE IDEOLÓGICO: O “APRENDER A APRENDER” E A “SOCIEDADE DO CONHECIMENTO” NO PPP DO CURSO DE ARTES VISUAIS DA UFRR

PURPOSE HYPOCRISIES AS AN IDEOLOGICAL COMPONENT: “LEARNING TO LEARN” AND THE “KNOWLEDGE SOCIETY” IN THE PPP OF THE UFRR VISUAL ARTS COURSE

Vinícius Luge Oliveira¹

RESUMO: O artigo trata do papel ideológico das hipocrisias propositais (MARX e ENGELS, 2007) a partir do estudo de uma situação particular no Projeto Político-Pedagógico do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima. Nele, apontamos que aparece dois discursos ideológicos no documento o “aprender a aprender” e a “sociedade do conhecimento” (UFRR, 2018), que pela contradição entre eles e a realidade objetiva, já foram objetos de inúmeras críticas por pesquisadores como Duarte (2006, 2008 e 2010), Saviani (2013 e 2018). Ainda assim, sua utilização ocorre por um lado eles expressarem dimensões da realidade educacional, como a precarização da formação que leva aos estudantes buscarem por si os conteúdos a eles negados e, por outro lado, velando essa mesma realidade e encobrendo de maneira proposital suas contradições.

Palavras-chave: Ideologia; Pedagogia Histórico-Crítica; Artes Visuais; Aprender a aprender; Sociedade do Conhecimento.

ABSTRACT: The article deals with the ideological role of purposeful hypocrisies (MARX and ENGELS, 2007) based on the study of a particular situation in the Political-Pedagogical Project of the Visual Arts Course at the Federal University of Roraima. In it, we point out that two ideological discourses appear in the document: “learning to learn” and the “knowledge society” (UFRR, 2018), which due to the contradiction between them and objective reality, have already been the subject of numerous criticisms by researchers such as Duarte (2006, 2008 and 2010), Saviani (2013 and 2018). Even so, their use occurs on the one hand because they express dimensions of the educational reality, such as the precariousness of training that leads students to seek for themselves the contents denied to them and, on the other hand, veiling this same reality and purposely covering up its contradictions.

Keywords: Ideology; Historical-Critical Pedagogy; Visual arts; Learn to learn; Knowledge Society.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte de uma pesquisa mais ampla sobre as condições trabalho e de acesso ao ensino das artes visuais, dos egressos do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Universidade Federal de Roraima. Neste artigo, buscamos debater o papel das hipocrisias propositais (MARX e ENGELS, 2007) a partir da análise documental sobre o

¹ Vinícius Luge Oliveira, Doutorado em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina, vinicius.luge@ufr.br.



Projeto Político Pedagógico (PPP) que formou os egressos, mais especificamente às concepções do aprender a aprender e da sociedade do conhecimento.

Para a análise documental, partimos da perspectiva de que os:

[...] documentos oficiais e oficiosos publicados em suporte de papel ou eletrônico [...] oriundos do aparelho de Estado, de organizações multilaterais e de agências e intelectuais que gravitam em sua órbita – expressam não apenas diretrizes para a educação, mas articulam interesses, projetam políticas, produzem intervenções sociais. (EVANGELISTA, 2009, p. 01)

Nesses interesses citados pela autora, perpassam elementos ideológicos, no sentido dado por Lukács (2018). A ideologia, para o autor, cumpre a função social de direcionar os seres humanos nos posicionamentos frente às contradições da luta de classes. Seja utilizando um falseamento da realidade, seja desfetichizando-a. Por isso, a partir da perspectiva de Evangelista (2009) se faz necessário um momento inicial de inquirição ao documento:

[...] chama a atenção para a necessária “vigilância metodológica” do sujeito sobre si e sua relação com o tema e fontes de pesquisa. Documentos oferecem pistas, sinais, vestígios e compreender os significados históricos dos materiais encontrados é sua tarefa. Importará compreender sua posição em relação à sua história, à história de seu tema e à história da produção de sua empiria. (EVANGELISTA, 2009, p. 06)

Neste processo, duas concepções que atravessam o documento são o foco deste artigo como já afirmado, o aprender a aprender e a sociedade do conhecimento. Utilizando as contribuições da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), a Duarte (2006, 2008 e 2010), Saviani (2013 e 2018), Marx e Engels (2007) procuramos explicitar as contradições que envolvem essas concepções. Iniciemos, então, com uma reflexão sobre o aprender a aprender.

O APRENDER A APRENDER E A PHC

Para que fique claro ao leitor e a leitora, o texto parte da definição que o aprender a aprender “cumpre a função de articulador entre o discurso pedagógico e o cenário ideológico do capitalismo contemporâneo” (DUARTE, 2006, p. 45), pois expressa necessidades reais da esfera produtiva quanto à mão de obra. Não é novidade no debate educacional as reflexões do relatório “Educação um tesouro a descobrir”, da Comissão Intercontinental sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors e composta por 15 especialistas, tendo como pilares o “aprender a conhecer”, o “aprender a fazer” e o “aprender a ser”. Relatório, que logo veremos, foi citado no PPP do Curso. Duarte, no final da década de 1990, teceu críticas as vinculações neoliberais do documento da referida comissão:

[...] o texto do relatório revela, em outros momentos, que a inexistência de tal igualdade não é desconhecida da comissão e também não o é o fato de as desigualdades estarem acentuando-se. As desigualdades econômico sociais refletem-se na desigualdade de acesso ao



conhecimento. Mas tal desigualdade é vista pela comissão como decorrência da tensão entre o conhecimento e a limitada capacidade de sua absorção pelos indivíduos. A saída passa a ser a de atribuir à escola a tarefa de preparar os indivíduos para estarem sempre aptos a aprender aquilo que for necessário em determinado contexto e momento de sua vida. A saída é o “aprender a aprender”. E, finalmente, admitindo implicitamente a incompatibilidade entre a lógica objetiva da reprodução do capital em escala mundial e a necessidade de valores éticos que orientem as ações humanas, a comissão exorta, de forma singela e beirando o pieguismo, a uma busca de conciliação entre o espiritual e o material. (DUARTE, 2006, p. 49)

De toda forma, ainda que não seja novidade e tenha sido alvo de críticas de importantes pesquisadores no meio educacional brasileiro ele ainda mantém forte influência no PPP aqui estudado, como na seguinte passagem:

Nesse contexto, a abordagem transdisciplinar pode contribuir para um novo tipo de Educação, a partir de quatro pilares, elaborados pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, ligada à UNESCO e presidida por Jacques Delors, a saber: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver em conjunto e aprender a ser (NICOLESCU, 1999).

Estes princípios podem ser compreendidos como indicadores da organização transdisciplinar do conhecimento, de modo a tornar abrangente a estrutura dos cursos de formação superior, em consonância com as novas demandas sociais. (UFRR, 2018, p. 17)

Para que a crítica seja mais clara, precisamos registrar a definição dada pelo próprio relatório sobre sua concepção de educação:

A educação ao longo de toda a vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser. • Aprender a conhecer, combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que também significa: aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida. • Aprender a fazer, a fim de adquirir, não somente uma qualificação profissional mas, de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Mas também aprender a fazer, no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho que se oferecem aos jovens e adolescentes, quer espontaneamente, fruto do contexto local ou nacional, quer formalmente, graças ao desenvolvimento do ensino alternado com o trabalho. • Aprender a viver juntos desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências — realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos — no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz. • Aprender a ser, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se (DELORS *et al*, 1991, p.101,102)



As implicações dessa perspectiva encontram diversas críticas na Pedagogia Histórico-Crítica. Na produção realizada por esse campo há, ao nosso ver, de maneira mais sistematizada e organizada, críticas às diversas perspectivas pedagógicas vinculadas ao neoliberalismo e ao irracionalismo pós-moderno. Duarte (2010) sintetiza sua crítica à uma concepção de formação centrada no conhecimento tácito e afirma:

[...] esbocei uma crítica à concepção de formação de professores em cujo centro está justamente essa noção de conhecimento tácito e a correspondente desvalorização do conhecimento científico, teórico, acadêmico. Mas não é só no campo da formação de professores, nem mesmo somente no da formação profissional em geral que a supervalorização do conhecimento tácito gera seus efeitos negativos. Esse tipo de conhecimento vem ocupando um lugar cada vez maior nos currículos escolares, de início no interior do ensino dos conteúdos clássicos, e posteriormente deslocando esses conteúdos para uma posição secundária e periférica. (DUARTE, 2010, p. 38)

O deslocamento dos conhecimentos clássicos em algumas disciplinas do curso de licenciatura em Artes Visuais da UFRR, serão objeto de reflexão em outro momento. Sumariamente podemos afirmar que a aprender a aprender nas disciplinas é afirmado em alguns momentos com uma quantidade grande de conteúdos em poucas horas da disciplina, em outros momentos no esvaziamento de conteúdos e sua troca por um conjunto de operações. Estes casos não serão aprofundados aqui para nos focarmos em aprofundar no movimento ideológico mais amplo, vinculado ao aprender a aprender e a sociedade do conhecimento.

A afirmação de Duarte, evidencia a PHC como uma perspectiva antagônica ao “aprender a aprender”. Saviani propõe que, entre vários objetivos a PHC deve:

[...] fundar historicamente a compreensão da questão escolar, a defesa da especificidade da escola e a importância do trabalho escolar como elemento necessário ao desenvolvimento cultural que concorre para o desenvolvimento em geral. (SAVIANI, 2013, p. 88)

Essa pedagogia, tendo a tarefa de, na luta pela revolução socialista, possibilitar o acesso aos conhecimentos mais elaborados, socializando, portanto, aqueles conteúdos que pela sua objetividade enriqueçam o indivíduo na compreensão das condições materiais de sua vida. Sem, no entanto, deixar de reconhecer os limites da socialização do conhecimento no capitalismo para a classe trabalhadora (GALVÃO, LAVOURA E MARTINS, 2019).

A busca sistematizada em desenvolver uma pedagogia que contribua na educação escolar impõe reconhecer aquilo que é específico na educação e que perpassa uma relação entre contrários não-antagônicos, professores e estudantes (SAVIANI, 2018), o que implica um posicionamento em polo oposto às pedagogias do aprender a aprender.

Essa relação entre contrários não-antagônicos aponta que um polo tem como objetivo “produzir, direta ou indiretamente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2013,



p. 13). É essa responsabilidade que constitui a especificidade de seu papel na relação, com um outro indivíduo, que, por sua vez, precisa ter acesso ao que a humanidade produziu. Essa responsabilidade implica selecionar os conteúdos que precisam ser transmitidos e descobrir as formas que melhor possam contribuir para a aprendizagem por parte dos estudantes. Esclarecendo a perspectiva da PHC, podemos passar para a concepção no PPP.

O Aprender a aprender no PPP de Artes Visuais da UFRR

O aprender a aprender apareceu no PPP de Artes Visuais em um primeiro momento como uma série de lugares-comuns, que hegemonizam políticas públicas e diversos espaços da academia. Uma análise apressada poderia criar uma representação de serem apenas a marca de um senso comum acadêmico, sem maiores implicações, caso não existam sujeitos conscientemente orgânicos, envolvidos à essa perspectiva, na disputa cotidiana dos rumos do curso.

Mas, negando dialeticamente a aparência, o aprender a aprender compõe um momento do movimento verdadeiro de uma formação precarizada. Que impõe a necessidade de centrar a aprendizagem na pesquisa, “O Curso de Graduação em Artes Visuais - Licenciatura propõe a articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Sendo que a pesquisa é o viés central para a formação docente.” (UFRR, 2018, p. 37). Mas não só nessa perspectiva, as condições concretas limitam as possibilidades reais de realização de transmissão dos conteúdos mais elaborados. Como o reduzido número de docentes, laboratórios, técnicos-administrativos etc. O documento acaba reafirmando teoricamente as próprias condições históricas, nega a transmissão do conhecimento pois a possibilidade prática da transmissão encontra grandes dificuldades. Essa afirmação nos remete a afirmação de Marx e Engels que:

A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. (MARX; ENGELS. 2007, p. 47)

Sem adentrarmos nas condições precárias da conjuntura de criação e de implantação do curso, fato que dá o suporte a situação analisada, o aprender a aprende é a correspondência teórica entre as relações materiais que se apresentam para a formação dos licenciandos em Artes Visuais da UFRR.

O PPP destaca a formação centrada na pesquisa e não no ensino, com uma organização disciplinar que, se não na totalidade das ementas, em muitas ocasiões, coloca um número amplo de conteúdos em uma mesma disciplina, fato que implica um diminuto tempo de estudo de cada um deles e, em outros casos, esvazia a disciplina de conteúdos. Este reduzido tempo leva a que, não podendo haver uma transmissão dos conhecimentos



que pudessem ser tratados de maneira mais detida, criam e legitimam uma “expressão ideal das relações materiais dominantes”. Dessa maneira, exaltar a capacidade da pesquisa que o aluno faça por si, é não só uma possibilidade, entre tantas outras, mas a expressão ideal de relações materiais dominantes, e por isso, são ideias hegemônicas.

Com isso, mesmo de forma inconsciente, se legitima no plano ideal as relações materiais que ocorrem. É claro que, tal reflexão vale para o particular caso que é objeto de análise. Que as pedagogias do aprender a aprender são necessidades do capital, reflexos de relações materialmente existentes, disso não há dúvida. E que, no caso estudado as condições materiais impõem e justificam materialmente um reflexo ideal de que o processo de formação deva ser centrado na pesquisa, também. Afirmar isso não implica deixar de reconhecer que, no âmbito geral da luta de classes, já tenham ocorrido contradições suficientes entre o conteúdo desse reflexo e as suas causas. Contradições essas ocasionadas pelas classes em luta que, e reafirmo, no âmbito geral, a defesa do aprender a aprender, não passe de uma hipocrisia proposital, tal como definido por Marx e Engels:

Quanto mais a forma normal de intercâmbio da sociedade e, com isso, as condições da classe dominante desenvolvem sua oposição às forças produtivas progressistas, quanto mais cresce, em decorrência, a discórdia na própria classe dominante e entre esta e a classe dominada, é claro que tanto mais inautêntica se torna a consciência que originalmente correspondia a essa forma de intercâmbio, isto é, ela cessa de ser a consciência que corresponde a ela, e tanto mais as representações sobre essas relações de intercâmbio que vinham sendo transmitidas, representações essas em que os interesses pessoais reais etc. são declarados como universais, descambam para meras frases de efeito idealizadoras, para a ilusão consciente, para a hipocrisia proposital. Porém, quanto mais elas são desmentidas pela vida e quanto menos valem para a própria consciência, tanto mais resolutamente são afirmadas, tanto mais hipócrita, moralista e santa se torna a linguagem da sociedade normal em questão. (MARX; ENGELS, 2007, p. 283)

A consciência da referida contradição é que possibilita a própria crítica as pedagogias do aprender a aprender. Contradições entre o próprio desenvolvimento das relações sociais e das forças produtivas que faz desaparecer a base social que dava sustentação à universalização de interesses de uma parte da sociedade, expressa em determinada ideologia. Desaparecendo as condições materiais que possibilitavam que seu conteúdo fosse universalizado como interesse de todos, resta a classe dominante manter uma hipocrisia proposital. Embora no caso específico do PPP analisado se realize uma reprodução dessa ideologia sem necessariamente uma deliberada hipocrisia, por quem lá a colocou. Resulta disso, mediada com outras determinações, como as condições de implantação do curso, uma formação que pode acabar mantendo os estudantes não muito além do nível de conhecimentos de sua cotidianidade.

As possibilidades de luta por uma ampliação das mediações pelas quais o indivíduo se relaciona com a realidade objetiva, de modo geral, e na sua formação específica como licenciado em artes visuais são limitadas, mas não impossibilitadas pelas condições objetivas. Na dialética entre a humanidade ser fruto das circunstâncias históricas e, ela



mesma ser a criadora dessas circunstâncias, está a possibilidade de enfrentamento e superação dos condicionantes históricos. Enfrentamento e superação que só pode ocorrer com o enriquecendo e a ampliação da compreensão humana da realidade, de sua atuação cada vez mais ampla como ser inteiramente humano (LUKÀCS, 1966), e como ser de uma classe em particular. Nisso reside a importância da socialização das formas mais elaboradas do conhecimento sobre a realidade objetiva, e a necessidade de, no próprio modo de produção capitalista, forçar no campo educacional os limites que o próprio capital impõe pelo desenvolvimento das forças produtivas, pelas relações de produção necessárias para a valorização do valor e a necessária precarização da formação dos trabalhadores.

A CHAMADA “SOCIEDADE DO CONHECIMENTO”

Se o aprender a aprender, enquanto produção ideológica é uma hipocrisia deliberada, é também o que foi afirmado no PPP acerca da “sociedade do conhecimento”, segundo ele:

A Universidade, como lugar privilegiado para a formação de professores e pesquisadores e para a produção do conhecimento, pode contribuir para o processo de criação de novos modos de convivência com os saberes. O ritmo intenso das mudanças sociais e tecnológicas, entre outras, tem, paulatinamente, transformado a sociedade em uma “sociedade do conhecimento”. Esse fenômeno deve-se, basicamente à profusão de novas linguagens sobre o conhecimento e a aprendizagem, em contextos múltiplos. (UFRR, 2018, p. 11)

Ambas as ideologias se complementam na sua função ideológica, e estão rigorosamente em consonância com as necessidades do capital. Se em uma encontramos a negação do ensino, na segunda encontramos o falseamento de um estado de coisas que, embora não possa deixar de reconhecer um claro e acelerado processo de desenvolvimento tecnológico, a socialização desse processo não ocorre.

A própria estrutura do capitalismo impõe mudanças que possibilitem uma maior valorização do capital, em uma rotação² cada vez mais rápida, mas isso não significa uma socialização das riquezas produzidas para o conjunto da sociedade. As transformações tecnológicas pelas quais passam os diferentes momentos do capitalismo, principalmente com o advento do vapor, da eletricidade, da automação e das inteligências artificiais confirmam a afirmação que “a assim chamada sociedade do conhecimento é uma ideologia produzida pelo capitalismo.” (DUARTE, 2008, p. 13). O que ocorre é uma crescente redução da qualificação da mão-de-obra, pois a tendência que o modo de produção capitalista aponta é, na utilização das tecnologias contemporâneas cada vez se fazer menos necessária uma formação especializada. E, cada vez mais aumentar a distância da necessidade de poucos trabalhadores qualificados e uma massa de trabalhadores sem qualificação especializada. Machado (2021) afirma que:

² Sumariamente podemos afirmar que a rotação do capital é o processo no qual o capital é desembolsado e retorna ao burguês na forma inicial que foi desembolsado. Para um esclarecimento mais robusto ver capítulo 23 de Rodolsky (2001) e Marx (2014), seção II.



Uma das empresas que deu origem à nova abordagem produtiva é a empresa automotiva sul-coreana Hyundai. A partir do Sistema Toyota de Produção, a Hyundai desenvolveu seu próprio sistema de produção, o Sistema Hyundai de Produção (SHP). Baseado na modularização e automação, a palavra de ordem é: minimizar a dependência em relação aos trabalhadores. A automação simplificou o trabalho. Não sendo mais necessário grande experiência ou grandes habilidades dos trabalhadores, a formação se torna pouco relevante para operar as novas tecnologias, permitindo à empresa se adaptar a distintos locais e culturas com relações de trabalho cada vez mais instáveis. As tarefas atingem tal nível de simplicidade e repetição que os trabalhadores podem ser facilmente substituídos uns pelos outros. O núcleo de trabalhadores especializados é ínfimo. (MACHADO, 2021, p. 90)

As orientações nos documentos legais que cada vez mais esvaziam a educação escolar explícita não só a negação a classe trabalhadora dos conhecimentos mais elaborados e a possibilidade de atuarem na perspectiva de uma ação enquanto seres inteiramente humanos (LUKACS, 1966). Principalmente, que a força de trabalho exigida da classe trabalhadora, nos marcos dessas transformações, pode ser cada vez menos qualificada. Temos com isso que, a transmissão de conhecimentos para qualificar de maneira geral a mão de obra, é cada vez menos necessária do ponto de vista do capital.

A afirmação de Saviani (2018) que, quanto mais a escola se disse democrática, menos ela foi, na sua crítica à Escola Nova pela ausência da transmissão de conteúdos, também se aplica a hipocrisia deliberada que é a afirmação que a nossa sociedade é a do conhecimento, quanto mais se afirmou que existe uma sociedade do conhecimento, mais se precarizou o acesso da classe trabalhadora a ele. Os avanços tecnológicos da chamada indústria 4.0³ reduziram a necessidade de qualificação da mão de obra de maneira geral, criando um fosso entre uma mão de obra especializada e trabalhadores precarizados, sem a necessidade de uma qualificação maior.

Sem conhecer e levar em conta essas determinações, corre-se o risco da crítica à formação dos egressos não avançar além da aparência das modificações no PPP e da legislação nacional. Bem como, dos processos que ocorrem no interior do próprio ensino. O discurso ideológico que compõe a sociedade do conhecimento, não leva em conta os processos, por exemplo da Educação a Distância que fragmenta o processo de ensino em um professor conteudista, um professor da disciplina e os tutores, estes que têm um maior contato com os estudantes e possuem uma formação menor daquela exigida aos dois primeiros. A substituição de tutores, mesmo em uma grande rotatividade, é possível. Algo semelhante ao sistema produtivo industrial, fora da esfera educacional, que é a esfera de produção não material, intangível, podemos pegar o exemplo, no Brasil, no setor industrial, da fábrica da General Motors, em Gravataí no Rio Grande do Sul:

Com sua expansão realizada em 2019, a fábrica possui capacidade para 3 mil trabalhadores. A novidade, contudo, são outros 4 mil trabalhadores integrados em dezoito plataformas “sistemistas”, que são fornecedores de peças e de

³ Termo cunhado na Feira Industrial de Hannover, em 2011, para qualificar os processos produtivos que estavam em curso (MACHADO, 2021).



componentes para os carros a serem montados na fábrica que ficam dentro da área do complexo. A unidade de Gravataí é, atualmente, de longe, a que possui mais produtividade do trabalho em todas as suas unidades brasileiras e, simultaneamente, a que possui salários mais reduzidos e mais rotatividade do trabalho. (MACHADO, 2021, p. 91)

A alta rotatividade indica uma baixa necessidade de especialização, do contrário a empresa teria problemas em manter uma produtividade alta, se esta passasse necessariamente por uma qualificação da mão de obra. Indica também que a empresa está melhor preparada para enfrentar ciclos de crise, podendo demitir e recontratar trabalhadores sem ter problemas quanto a qualificação. Saindo da produção industrial, e entrando na área de serviços, tal realidade é muito mais perceptível. Não é possível deixar de apontar que trabalhar para alguma empresa que faz a ponte entre o cliente e o prestador de serviço, seja de entrega, transporte, etc. como a UBER, iFOOD e semelhantes, não exige mais que habilidades do próprio cotidiano⁴.

Tal fato se articula com o papel do Brasil na divisão internacional do trabalho, segundo o IBGE, em 2019, existiram cerca de 11 milhões de analfabetos na população acima de 15 anos, bem como, que 53.2% da população maior de 25 anos tenha o Ensino Médio completo, ou seja, pouco mais da metade da população, nesta faixa etária, concluiu a Educação Básica⁵. A sociedade do conhecimento, essa ideologia burguesa não resiste a qualquer estudo que tenha a sociedade brasileira como objeto.

O PPP ao apresentar mais essa hipocrisia deliberada não leva em consideração o papel que cumpre e que pode cumprir a formação de professores e professoras de Artes Visuais na sociedade brasileira, em um estado periférico, de um país dependente. Ao manter-se no âmbito das pedagogias do aprender a aprender, da ideologia da sociedade do conhecimento, não problematiza uma estrutura de produção que possui tecnologias extremamente complexas, mas que necessitam cada vez menos de uma qualidade na formação da mão de obra, aumentando o fosso entre uma pequena parcela especializada e uma massa de trabalhadores com um reduzido acesso à educação de qualidade. Não explicita um dado momento histórico que empresas no setor de serviços já comentado, não exigem mais que a licença para dirigir e a posse de um celular, velando as relações de trabalho e assalariamento (ANTUNES, 2020). Que na própria educação tal processo se apresente, por exemplo, em pacotes educacionais privados, como o utilizado pela prefeitura de Boa Vista, capital de Roraima, comprado do Instituto Alfa e Beto. Pacote esse que apresenta não só o que, mas o como e quando trabalhar determinadas atividades⁶. Ao manter essa ideologia burguesa, exclui em grande medida, das condições de formação o conhecimento sobre o processo de redução da necessidade do capital por uma camada média de trabalhadores, com uma mão de obra com qualificação especializada. Cria um

⁴ Recomendamos, além de Machado (2021) que traz uma quantidade considerável de informações sobre trabalho e exploração no Brasil, os estudos de Fontes (2017) sobre a concentração de propriedade e a retirada de direitos nesse processo e Antunes (2020) sobre os impactos no mundo do trabalho no Brasil.

⁵ Informação disponível em: [http:// https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste](http://https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste). Acessado em: 02/12/2023.

⁶ Uma análise crítica dos materiais que compõe esse pacote privado pode ser encontrada em Oliveira (2014).



véu que esconde as reais condições existentes para venda da força de trabalho, nos marcos do capitalismo contemporâneo.

Sem este conhecimento, as críticas nas políticas de formação docente e da educação no Brasil podem não ter a radicalidade necessária seja para o enfrentamento a elas, seja para a formação de docentes conscientes dos desafios que enfrentarão, no contra o modo de produção capitalista, e não somente de seus efeitos mais visíveis na educação nacional.

As indústrias nos países centrais, e em alguns países dependentes, necessitarão cada vez menos dessa faixa média de um proletariado com uma qualificação mais especializada, vide a possibilidade da planta da GM em Gravataí ter aumento de produtividade com rotatividade dos trabalhadores. Com isso reformas educacionais que esvaziem de conteúdos a educação, e avancem sobre o fundo público serão cada vez mais agressivas.

É importante apontar que nos países centrais, as condições de vida do proletariado podem ser, mesmo que temporariamente, menos precarizadas. A concentração de valor nos países centrais e a superexploração da mão de obra nos países dependentes (MARINI, 2017), possibilita amenizar, mas não erradicar, as contradições entre as classes sociais no centro do capitalismo. Já alertava Lenin que “A obtenção de elevados lucros monopolistas [...] dá a possibilidade econômica de subornarem certas camadas operárias” (LENIN, 2012, p. 168). É nessa base de produção material que em grande medida encontramos razões que determinam uma formação resumida à capacidade de atuar de maneira a ter competências úteis, para a imediatividade cotidiana. Que evocando a primazia do aprender a aprender, rebaixa a formação escolar de um modo geral. Com ela ocorre a relação com as modificações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). É nesse contexto que as afirmações sobre a “sociedade do conhecimento” cumprem uma função ideológica, de falsear a realidade objetiva. Essa função não será compreendida, sem o conhecimento das mudanças técnicas na produção capitalista.

Essas transformações técnicas que ocorrem na produção e os processos decorrentes delas, em última instância, determinam a formação da classe trabalhadora. O que não implica que seja superada⁷ a contradição da burguesia com o conhecimento objetivo. Ela depende dos conhecimentos sobre a realidade objetiva para valorizar o valor, de uma forma cada vez mais rápida e, ao mesmo tempo ela não pode permitir a socialização daqueles conhecimentos que desvelem a objetividade das situações de exploração e as inúmeras formas de opressão que dela se desenvolvem (gênero, raça, orientação sexual, etc.).

A necessidade ontológica da burguesia em evitar que a classe trabalhadora tenha acesso aos conhecimentos que possibilitem compreender de maneira mais mediada as condições objetivas, encontra uma base material que possibilita a precarização da formação dessa classe. Para o capital, a força de trabalho necessita lidar com as

⁷ A superação aqui referida faz referência ao movimento em que ocorrem três momentos. Determinada característica é negada, é afirmada, mas também elevada à um novo patamar. Na bibliografia em português, a tradução do termo *aufhebung* por suprasumir, de Paulo Meneses para Hegel parece a mais didática para representar os três momentos de um movimento: Supra = elevar; Assumir = manter e sumir = negar, ver Hegel (2014).



necessidades imediatas, o que esvazia de conteúdos sua formação. O processo de desenvolvimento das forças produtivas leva a uma maior produtividade do trabalho, com menor necessidade de trabalhadores com uma qualificação especializada, aumentando assim a necessidade por trabalhadores com baixa qualificação. O que força a redução do valor da força de trabalho, com o aumento de produtividade. Dessa forma, temos na educação escolar e aqui englobamos o conjunto da educação institucionalizada, inclusive a Educação Superior, uma hegemonia do aprender a aprender, a formação centrada na pesquisa, no conhecimento tácito, o ensino de competências, etc... Tal perspectiva é explícita na afirmação “O Curso de Graduação em Artes Visuais - Licenciatura propõe a articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Sendo que a pesquisa é o viés central para a formação docente.” (UFRR, 2018, p. 37). Tal situação faz com que ocorra uma “difusão de conhecimentos elementares que produzam determinadas atitudes imediatas no cotidiano dos indivíduos” (DUARTE, 2008, p. 06).

Como já esclarecido acima, a ideologia cumpre a função social de orientar a ação dos indivíduos frente às contradições da sociedade, seguindo o caminho de Lukács (2018) e Marx e Engels (2007), que Duarte (2008) na citação acima foi preciso em perceber sua função de produzir atitudes dos indivíduos na sua vida cotidiana. Nesse sentido, nada mais claro no PPP do que a seguinte passagem:

Esta sociedade contemporânea convive com transformações científicas, tecnológicas, políticas, incertezas no mundo do trabalho, enfim, mudanças em escalas imprevisíveis em todos os setores da sociedade, inclusive no que diz respeito ao conhecimento e sua excessiva fragmentação. A evolução dos saberes torna legítimo o debate em torno das necessárias "transformações de mentalidades", dentro e fora da Universidade, na qual o surgimento de uma cultura transdisciplinar, multirreferencial e criativa impõe-se como um desafio. A Universidade, como lugar privilegiado para a formação de professores e pesquisadores e para a produção do conhecimento, pode contribuir para o processo de criação de novos modos de convivência com os saberes. O ritmo intenso das mudanças sociais e tecnológicas, entre outras, tem, paulatinamente, transformado a sociedade em uma "sociedade do conhecimento". Esse fenômeno deve-se, basicamente à profusão de novas linguagens sobre o conhecimento e a aprendizagem, em contextos múltiplos: Informática, Biociências, Economia, Educação, Ciências Cognitivas. Nesse sentido, “a Educação Superior e a pesquisa atuam agora como componentes essenciais do desenvolvimento cultural, social e econômico de indivíduos, comunidades e nações” (UNESCO, 1998, p.12). Nesse contexto, a abordagem transdisciplinar pode contribuir para um novo tipo de Educação, a partir de quatro pilares, elaborados pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, ligada à UNESCO e presidida por Jacques Delors, a saber: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver em conjunto e aprender a ser (NICOLESCU, 1999). Estes princípios podem ser compreendidos como indicadores da organização transdisciplinar do conhecimento, de modo a tornar abrangente a estrutura dos cursos de formação superior, em consonância com as novas demandas sociais. (UFRR, 2018, p.11)

Essa citação mais longa explícita o conteúdo ideológico que orienta a formação para as necessidades pragmáticas do cotidiano, sob o discurso de realizar uma formação em



“consonância com as novas demandas sociais”, o que na verdade é uma formação em consonância com as novas demandas do capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não foi objeto deste artigo esgotar a análise do PPP do Curso de Artes Visuais. Por isso não focamos em outras determinações existentes, em outros momentos teremos a publicação da análise de diferentes elementos com um maior aprofundamento. O objetivo específico do artigo foi trazer ao debate a categoria de hipocrisias propositais e como elas aparecem em dois discursos ideológicos: o aprender a aprender e a sociedade do conhecimento, no documento estudado.

Essas categorias apareceram como elementos. Sua clara concepção de velar as condições objetivas existentes no modo de produção capitalista contemporâneo implica uma orientação para uma formação que não prepara os futuros professores e professoras para atuar conscientemente como classe. nessas condições. Reforça uma formação que ideologicamente encobre os principais desafios que os estudantes terão ao se formar. Ao tematizar as hipocrisias propositais, em um documento em particular, buscamos ressaltar a sua função na disputa ideológica de maneira geral, articulando com as modificações da esfera de produção capitalista. O documento ao indicar o aprender a aprender como eixo, apresenta sua consequência prática, que é o centro da formação dos estudantes ser a pesquisa. E se articula com a assim chamada sociedade do conhecimento. Sociedade essa que cada vez depende menos de uma formação qualificada dos trabalhadores e trabalhadoras. Que cada vez menos busca a transmissão de conhecimentos clássicos, dos conhecimentos mais elaborados. É importante, e o texto buscou evidenciar. A necessidade de que eles sejam entendidos como expressões teóricas de relações materiais que existem objetivamente na estrutura produtiva de valor, na sociedade, e que, mesmo sendo hipocrisias deliberadas, influenciam a formação dos estudantes.

É na compreensão das diferentes determinações que envolvem a formação dos professores e professoras, neste caso em particular, de artes visuais na UFRR, que as condições de formação poderão ser conhecidas de maneira mais concreta. Por isso a necessidade de apresentar ao longo do artigo a relação entre as transformações técnicas do modo de produção capitalista e seus impactos para a formação no curso em questão, com a predominância do aprender a aprender. A crítica nos permite desvelar os fundamentos de práticas ideológicas que expressam interesses do capital e precisam ser enfrentadas. Só assim poderemos tentar construir um percurso formativo de novos professores e professoras que sejam conscientes dos desafios políticos e, ao mesmo tempo, que se apropriem dos conhecimentos mais elaborados na sua área específica e na dimensão pedagógica.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

DELORS et all. **Educação Um tesouro a descobrir**: Relatório para a UNESCO da



Comissão internacional sobre Educação para o século XXI. UNESCO. 1991.

DUARTE, N. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica à apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2006.

_____. Arte e formação humana em Vigotski e Lukács. In.: DUARTE, N. DELLA FONTE, S. S. **Arte, conhecimento e paixão na formação humana**: sete ensaios de Pedagogia Histórico-Crítica. Campinas: Autores Associados, 2010.

_____. Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões? Quatro ensaios críticos dialéticos em filosofia da educação. Campinas: Autores Associados, 2008.

EVANGELISTA, O. **Apontamentos para o trabalho com documentos de política educacional**. Disponível em: [http://www.dfe.uem.br/texto.Olinda.PDF](http://www.dfe.uem.br/texto/Olinda.PDF). Acesso em: 16 de mar. 2009.

GALVÃO, A. C; MARTINS, L. M.; LAVOURA, T. N.. Rumo à outra didática histórico-crítica: superando imediatismos, logicismos formais e outros reducionismos do método dialético. In.: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v.19, s/n, p. 1-28, mar./2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/issue/view/1587>. Acesso em: mai./2019

HEGEL, G. W. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

LENIN, V. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo**: ensaio popular. São Paulo: Expressão popular, 2012

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social**. Volume 14. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

_____. **Estética**: la Peculiaridad de lo Estético. Vol. 1: Questiones Preliminares y de Principio. Barcelona (Espanha), Grijalbo, 1966.

MACHADO, G.. O capitalismo brasileiro diante da assim chamada indústria 4.0. In.: Anuário Estatístico do ILAESE: trabalho & exploração. São Paulo: ILAESE, 2021.

MARINI, R. M. **Subdesenvolvimento e revolução**. Florianópolis: Insular, 2017.

_____. **O capital**: crítica da economia política; Livro II - o processo de circulação do capital. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo : Boitempo, 2007.

OLIVEIRA, V. L. Programa Alfa e Beto: a submissão do "Local" no Ensino das Artes Visuais. In: **CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL; CONGRESSO INTERNACIONAL DA FEDERAÇÃO DOS ARTE-EDUCADORES**, 24; 2., 2014, Ponta Grossa. Anais... Ponta Grossa: FAEB, 2014. p. 01-12.



SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. Campinas: Autores Associados, 2018.

_____. **Pedagogia Histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2013.

ROSDOLSKY, R. **Gênese e estrutura do Capital de Karl Marx**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

UFRR. **Projeto Político do Curso de Graduação em Artes Visuais (Licenciatura)**. Boa Vista, 2018.